

Isolamento social em tempos de pandemia torna a casa ainda mais perigosa para a mulher. Entrevista especial com Jacqueline Pitanguy

Socióloga analisa os dados de que a violência doméstica tem aumentado durante uma das principais ações para evitar a propagação da Covid-19: ficar em casa

[\(IHU On-Line, 03/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Não é de hoje que pesquisadores e estudiosos têm constatado que, quando se fala em [violência de gênero](#), no lar as coisas não são tão doces como se imagina. Para a socióloga [Jacqueline Pitanguy](#), essa é uma realidade comprovada em dados empíricos desde, pelo menos, 1986. “Dados da Pnad revelaram que uma porcentagem mais significativa - em torno de 80%, não tenho os números exatos - das ocorrências de violência registradas por homens aconteciam fora de casa e a maior parte delas eram cometidas por desconhecidos. Já com as mulheres ocorria o padrão reverso: [a maioria dos casos registrados de violência contra a mulher aconteciam dentro de casa e por pessoas conhecidas](#)”, detalha, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**.

E se a casa já era, em muitos casos, um [ambiente insalubre para as mulheres](#), as recomendações de autoridades da saúde para que se pratique o [isolamento social](#) como forma de frear a pandemia de [coronavírus](#) tem se refletido em aumento dos casos. “No Brasil, nós temos a informação de que houve um aumento de 15% no aumento de registros de violência atendidos pela Polícia Militar no Paraná. No Rio de Janeiro, os [números chegaram a crescer 50%](#)”, exemplifica Jacqueline. E o pior: é um fenômeno global, não é só um [caso brasileiro](#), pois até mesmo na [China](#) se percebeu esse aumento.

“Revela que [diferentes culturas criaram essa ideia de insubordinação da mulher](#)”, acrescenta.

Entretanto, a pesquisadora lembra que o [caso brasileiro](#) ainda contém um agravante. Se no confinamento aumentam os casos de violência, num [confinamento onde há acesso a armas de fogo a agressão pode se converter em feminicídio](#). “Se a casa sempre foi perigosa, e desde a década de 1980 isso ficou evidente, esse perigo se exacerbou muitíssimo em 2019, com o decreto presidencial que permite que se tenha até quatro [armas de fogo dentro de casa](#)”, analisa. E sentencia: “Isso está tornando a casa não só perigosa, mas também letal. Estamos passando de um estágio de tapas e empurrões, das agressões físicas, para a [morte e os assassinatos](#)”.

Para Jacqueline, mesmo diante desses quadros não se pode esquecer que tem havido [avanços](#). Isso porque os avanços - desde a instituição de [políticas públicas](#) até a criação de dados e pesquisas que revelam essa dura realidade - mostram, segundo ela, que a sociedade está percebendo o problema e até mesmo respondendo a ele. O desafio, para a socióloga, é constante, pois vai em [ondas que se alternam em avanços e retrocessos](#). Por isso é fundamental que haja [vigilância e ações contínuas](#). “É muito importante reconhecermos os avanços. Não podemos ir somente pelo lado negativo, senão paralisa; dá vontade de sentar no chão e chorar. Mas não é isso, pois quando nós temos um aumento no registro de [casos de violência](#), isso é ao mesmo tempo dramático e lamentável, mas também auspicioso, porque significa que as mulheres, as vítimas, estão rompendo o silêncio e quebrando esse ciclo”, resume.

[Jacqueline Pitanguy](#) é socióloga e ex-professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e da Universidade de Rutgers, New Jersey, EUA. Foi presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM e em 1990 fundou a **Cepia - Cidadania, Estudos, Informação e Ação**, uma organização não governamental com sede no Rio de Janeiro, da qual é coordenadora executiva. Ainda integrou, na qualidade de notório conhecimento, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

Confira a entrevista completa [neste link](#).